

MINUSTAH CAMINHA PARA O OITAVO ANO DE INVASÃO E ABUSOS

Por Isabel Harari

No dia 15 de outubro o Conselho de Segurança da ONU aprovou a redução do número de tropas internacionais locadas no Haiti. O objetivo é, no prazo de um ano, diminuir em 20% o contingente militar instalado na ilha. A saída gradual da MINUSTAH (*Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti*) reflete um quadro de desgaste dos Órgãos internacionais frente à crise econômica e às constantes acusações de violação aos direitos do povo haitiano cometidas pelos militares.

Inserida no Haiti no contexto da deposição do então presidente Jean-Bertrand-Aristide em 2004, as tropas da ONU tinham como objetivo promover a revitalização política, econômica e social do país. Com a aprovação do Decreto Legislativo nº 207, de 19 de maio, o Brasil passou a encabeçar as missões de paz, enviando quase cinco mil soldados e U\$170,8 milhões. Após o terremoto que assolou a ilha em 2010, o foco das ações da MINUSTAH foi redirecionado para a reconstrução da infraestrutura, abalada pelo desastre natural.

As missões de paz, em sua maioria compostas por países da América Latina, pouco fizeram para reestruturar as bases do país. Casos de abuso contra a soberania do Haiti e seu povo são extremamente freqüentes, mas pouco divulgados por grande parte da imprensa. O governo brasileiro não se pronuncia a respeito do Haiti, tarefa incumbida aos oficiais do Exército, o que restringe o acesso à informação.

Segundo o coronel do Exército José Bezerra de Menezes Neto, do Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro, a instituição procura divulgar os fatos com veracidade, mas admite a dificuldade de apuração e levantamento de dados concretos. A impossibilidade de acesso a certos documentos oficiais (os boletins relativos às missões da ONU não são de caráter público) e as informações escassas provenientes das plataformas de comunicação reitera a hipótese de que os integrantes da MINUSTAH continuam locados no Haiti por questões políticas e econômicas, em detrimento da implantação de uma sociedade democrática e igualitária na ilha.

A pouca exposição da mídia e a dificuldade em obter dados precisos impede a apuração e a conseqüente punição das violações físicas, políticas e econômicas cometidas pelas tropas e pelas instituições internacionais por trás delas. Grande parte da imprensa ilustra as ações humanitárias exercidas pelas tropas da MINUSTAH de forma exaltada, exagerando nas conquistas na área de reconstrução da infraestrutura. A espetacularização da miséria aumenta os índices de venda.

A elite haitiana e o exército internacional possuem o monopólio do comércio e das terras, em detrimento da população, que se desloca para o campo em busca de alimento e moradia, em suma: sobrevivência. A degradação completa da mata virgem para o desenvolvimento da indústria têxtil que, além de promover a exploração quase desumana da população, acaba com a água da região, não é exposta pela grande mídia.

Missões de paz em país caribenho encobrem política neo-colonizadora



Tropas brasileiras vigiam sob tutela da ONU

massacre. Sobre Cité Soleil, Obregon admite: "Houve tiros? Houve tiros. Houve mortes? Houve mortes. Foi uma coisa violenta. O haitiano é um cara violento. Usa-se a força quando necessário. Tem que usar a força porque o perigo está na rua. E a ONU te permite isso. Usar a força que for adequada até o limite necessário."

O Coronel Obregon, reafirma a necessidade de permanência das tropas, pois, segundo ele, o país é assolado por um quadro de desordem política e social, fa-

lência total dos serviços públicos e ação de gangues e marginais desde a sua independência em 1804. O militar frisa a incapacidade que os haitianos possuem para governar sua nação. A substituição da autonomia pela presença internacional viola a soberania do país e revela uma faceta neocolonizadora da missão.

As forças de paz da ONU detêm a hegemonia nos processos de deliberação sobre a situação do Haiti, em detrimento da participação do povo. A cátedra formada nas eleições de 2006 é composta, em sua maioria, por estrangeiros ou haitianos pertencentes aos órgãos internacionais.

Lúcia Skromov, professora e integrante do Comitê Pró Haiti explica que o Haiti paga pelo pecado de ter lutado pela liberdade e levado às últimas conseqüências a bandeira da Revolução Francesa, em um momento que a própria França havia a havia abandonado: "O escuro do Haiti, em todos os sentidos; da cor do negro e da vida desses negros, acendeu a luz da Revolução." A retirada imediata das tropas de invasão do Haiti é imprescindível para que o país se veja livre da política neocolonizadora imposta pelas corporações e órgãos internacionais e se auto determine como nação livre.

Ao relatar uma missão de entrega de água potável a uma comunidade na periferia, o coronel Ariovaldo Obregon, Oficial de Ligações do Exército Brasileiro contou que, em reação à quebra de uma caixa d'água, se recusou a levar o recurso para essa região por duas semanas. "Posso entregar água sem a caixa d'água? Não posso. Já deixamos 15 dias sem água. Faz parte. Alguém tem que sofrer. Paciência. Tem que sofrer". Nenhuma nota sobre o ocorrido foi publicada.

Em 2005, a MINUSTAH participou de um massacre em Cité Soleil; o bairro habitado por 200.000 pessoas vivendo em condições precárias foi invadido por tropas brasileiras que tinham como objetivo capturar o líder de uma gangue. Sete horas e 22.000 cartuchos depois, os militares se retiraram alegando a morte do alvo e o sucesso da missão. O ocorrido só foi disseminado pela imprensa pois Seth Donnelly, ativista do *San Francisco Labour Council*, filmou o atentado e contabilizou a morte de 23 civis. Apenas no ano seguinte, a ONU reconhece o assassinato dos haitianos, porém, como não pertencem ao país caribenho e possuem imunidade perante certas leis, nada aconteceu aos militares responsáveis pelo

"Queremos expressar nosso repúdio..."

Trecho da carta escrita no dia em conjunto por Eduardo Galeano, Juan Gelman, Frei Betto e Adolfo Pérez em prol da retirada imediata das tropas da MINUSTAH:

"Queremos expressar nosso repúdio à contínua presença no Haiti da Missão de Estabilização da ONU, conhecida como MINUSTAH, e fazer um chamado aos nossos governos para que retirem a totalidade dos efetivos militares dessa suposta operação de paz.

Há mais de sete anos, soldados dos nossos países têm participado de uma ocupação militar injustificada e imoral, que executa a agenda de potências estrangeiras e viola continuamente a soberania e dignidade do povo haitiano.

Em 2004, as tropas da MINUSTAH chegaram ao Haiti para sustentar um regime de fato. Durante o período da intensa repressão que se desenvolveu, a MINUSTAH realizou incursões violentas em diferentes bairros, numa clara estratégia de 'construção do inimigo', focada na perseguição das periferias pobres.

É inconcebível que os exércitos de nossos países estejam diretamente envolvidos na ocupação militar de uma nação que já foi uma luz de esperança e liberdade para nossos movimentos de independência em suas origens, e prestou um apoio essencial à campanha de Simon Bolívar pela libertação da América Latina. É inconcebível que nossos países, que têm sofrido tantas agressões estrangeiras, estejam agora pisoteando a soberania de outro que tem vivido inúmeras e brutais intervenções desde o dia que rompeu as correntes da escravidão e do colonialismo. (...)"